

3ª Parte

Prosa de Ficção

Frustração

José Costa Matos

Moro numa cidade do interior e gozo de reputação razoável. Leciono rapazes e moças da sociedade, faço conferências religiosas a pedido do vigário, redijo os telegramas dos políticos e sou, invariavelmente, defensor dativo dos réus pobres que vão entulhando a cadeia pública. Posso quase dizer que não tenho rivais pela frente. O Dr. Seixas, Juiz de Direito, é um pobre diabo esquivo e sem segurança de atitudes, tão convicto da própria incapacidade, que parece andar pedindo desculpas prévias por possuir imerecidamente o grau de bacharel. Uma nulidade, sem dúvida.

Não sei por que, quando me lembro do rubi que ele carrega no dedo, sinto uma espécie de receio de espoliação, e vem-me a necessidade de o representar em público em números negativos. Abaixo de zero. Dirijo-me, então, ao cartório, onde ele costuma tomar café com o tabelião e os chefes da política local, e encaminho a conversa para a literatura. Falo em Gregório de Matos, comento passagens do *Caramuru*, livro que jamais vi impresso, entro pelo romantismo, renovo o confronto crítico de genialidades entre Gonçalves Dias e Castro Alves, dou as minhas preferências entre os parnasianos, cito os versos mais nebulosos de Cruz e Sousa, poeta que nunca entendi direito, mas a quem chamo familiarmente de "negro imenso". Como todo mundo sabe alguma coisa de Rui Barbosa - as doze línguas, o embaçamento da Europa e a cabeça grande - desprezo sempre a Águia de Haia. Minha autoridade cresce, com isso. O homem ouve, calado. Às vezes, sente-se em situação inferior, ensaia gestos aprobatórios. Eu torço o assunto, desdigo-me, profiro incoerências para poder contradizê-lo, tudo com a finalidade única de o expor a todas as vistas como incapaz.

Quando encontro na rua uma testemunha desses desvarios do meu egoísmo, provooco a demolição do outro:

- Você viu? Uma nulidade!... Fale-me franco, vale a pena ser doutor naquelas condições?

- É. Mas você lhe deu uma lição de mestre, hem?

- Nada! Uma bestinha..., bestinha...

No íntimo, sinto-me meio covarde, meio descaridoso. O homem nunca manifestou a intenção de me desbancar. Uma desumanidade, talvez. Mas, por que diabo ele se foi fazer doutor? A verdade é que não posso competir com ele em títulos, e isso me dói um bocado. Se eu também fosse bacharel, talvez não tomasse conhecimento da sua existência. Não sou e... Creio que estes sentimentos já existiam no tempo de César: todos queriam ser o primeiro na sua aldeia.

Afora esses receios mal definidos, a vida aqui me corre calma e sem dificuldades. Estou em todos os pensamentos, sempre que se trata das altas coisas do saber. Os pais de alunos burros me indicam o exemplo aos filhos relapsos:

- Você não quer dar p'ra sela, menino! Vai p'ra cangalha, vai ser engraxate, vai varrer a rua! Olhe fulano: nem precisou de mestre, e é sabido que nem o fute. O padre-vigário diz que não precisa de doutor mais competente.

Na verdade, sou eu que sempre socorro o vigário, nas suas aperturas com os inimigos da religião. O bom do homem sabe que em tal subúrbio estão realizando sessões espíritas. E lá me vem ele, cheio de zelo paroquial, o nariz atulhado de rapé:

- Seu Marcos, vamos fazer uma campanhazinha contra o espiritismo. Essa corja me põe a perder o rebanho. Prepare uma conferenciazinha daquelas. Eu me encarrego de avisar o povo.

Na data marcada, o Salão de São Vicente de Paula regurgita de Filhas-de-Maria, de roceiros crédulos. A filarmônica prorrompe em dobrados ensurdecedores que têm nomes de batalhas, de generais. Subimos ao palco, eu, Padre Inácio, o Juiz, o Prefeito, as fortunas da terra. Anunciada a minha palavra, canto os nomes das autoridades presentes, das excelentíssimas senhoras, dos excelentíssimos senhores, e entro de rijo sobre a gente da metempsicose. Levanto penedos tremendos e os despejo sobre Allan Kardec. Esgoto o meu repertório de improperios elegantes contra a ciência de Flammarion. Por fim, esmago os pobres manejadores de espíritos que procuram ganhar a vida à custa das ovelhas de Padre Inácio. Lembro-me de que dou ênfase especial à palavra necromancia, por julgá-la sufici-

entamente inacessível à semântica do auditório. As palavras de sentido impenetrável impressionam os simples. O vigário encerra sempre esses falatórios apostólicos. Chama-me grande orador e acha que o meu discurso é digno das “mais cultas assembléias do país”. Todos saem dali carregando a convicção da minha grandeza. Com palavras tão misteriosas, o espiritismo fica desgraçado. É o que convém a Padre Inácio.

Como se vê, tudo me tem sido fácil. Estrada plana, sem obstáculos. O Dr. Seixas não se levantará mais na admiração pública para fazer concorrência à minha glória. Se lhe notar qualquer disposição de entrar em assunto que me seja inatingível, atiro-lhe sobre a pretensão certas noções de literatura que aprendi agora: a “Protopéia”, de Bento Teixeira, e os romances de Dorotéia Engrácia Taveda Dalmira. Isso deve ser um calhau danado de duro para um pobre diabo sem letras quebrar no dente. Será que esses livros existiram mesmo? Talvez sejam até coisas de empulhar.

Mas, bem certo é que a ambição de nomeada é insaciável. Há cerca de uma semana, li, numa revista do Rio de Janeiro, as bases de um concurso de contos. Na França! Precisava ser na França? Prêmio de quinze mil francos. Transformado em cruzeiros, e como diz o sentencioso Doquinha Copo Cheio, isto é dinheiro que gente besta não conta! E o melhor: publicação da história classificada em primeiro lugar. A tentação maior está em imaginar o próprio nome impresso, como autor do conto, em jornais de dois continentes. Li aquilo e fiquei inquieto. Ser conhecido lá fora deve ser alguma coisa mais do que escutar elogiosinhos tolos da gente da roça. E se eu fizesse um conto e vencesse o concurso? Mostrar publicações com a história escrita por mim seria a consagração definitiva. Nem seria mais necessário continuar humilhando o Dr. Seixas com livros e autores de nomes esquisitos. Estava decidido. Eu ia escrever um conto. Certamente, eu tinha gramática para isso. E imaginação também. Contendo aquela mania idiota de afogar a minha prosa numa adjetivação amazônica, poderia compor uma história aproveitável. Ficaram-me esses descomedimentos de estilo da preocupação imbecil de imitar José de Alencar, escritor que li ainda menino. Novamente pensei em César e disse, em latim mental, que a sorte estava

lançada. Sou assim. Minha formação intelectual está toda incrustada de lantejoulas clássicas.

Senti, entretanto, a imaginação desaparelhada para a empresa. Fui às estantes, catei entre os livros os contistas que me pareceram importantes. Li-os, ora com sofreguidão, ora com alguns bocejos. No terceiro dia, fui ao cartório, à caça de boas tragédias nos papéis velhos do crime.

- Ó Catundão, onde andam os autos do Munganga, aquele sujeito que bebeu o sangue da mulher? Homem, traga-me todas as barbaridades que você tem por aí.

O tabelião trouxe-me o Munganga e outros casos ainda mais tenebrosos. Bati a poeira dos cartapácios, passei duas horas tomando notas, enquanto Catundão, muito sério, me olhava, a furto, por cima dos óculos.

Em casa, fiz recomendações solenes sobre o sossego de que precisava. Empilhei sobre a mesa as laudas brancas onde ia desenvolver a minha história. Novamente, a dificuldade da escolha do assunto. Reli as notas do cartório. Rememorei duas secas dramáticas, os camponeses caindo de fome nas calçadas. Procurei lembrar-me de casos cômicos da terra. Passei uma revista nos tipos curiosos do meu conhecimento: Antônio Té-logo, Maria Tei-tei, Vêi Zuca do-Oi-Sò, Carolina Bunda Alegre... E não via por onde principiar. Começou a irritar-me o silêncio pesado, esmagando-me as idéias. Minha mulher, que acreditava na minha literatura, procurava favorecer-me, enviando as crianças barulhentas para a casa do avô. O resultado era a pasmeira ambiente, atenuando-me as temporadas, ampliando desmedidamente o guincho das janelas agitadas pelo vento. Tortura.

Um dia, dois dias, três dias, quatro dias... e nada! Hoje, cheguei-me à mesa de trabalho com o pensamento no prêmio, prelibando a publicação do meu conto em jornais construtores de reputações. "O vencedor do concurso a comissão julgadora o considera equiparado aos bons escritores brasileiros e estrangeiros."

Lembrei-me de escritores que recorrem a excitantes durante a elaboração literária, tomam grandes bules de café e fumam metros e metros de cigarros. Mandeí vir café e cigarros. Bebi todo o café e fumei todos os cigarros. Extravagância. Tenho, agora à noite, uma

estranha algidez nas mãos e um pigarro infeliz que me faz tossir a todo instante. Como é que essas criaturas escreviam com as mãos em gelo e a garganta em brasa?

Repiso agora, pela centésima vez, casos miúdos que podem ser aproveitados. Forcejo por me concentrar no trabalho ainda sem dimensões na brancura do papel. A imaginação, teimosa, desprende-se do assunto e deriva pela linha da estrada que sobe o morro em frente. Andam fluidos emolientes na noite narcotizada. A paisagem fica santificada pela branca incandescência da lua cheia. A alcovite das coisas insinua, de manso, a necessidade de repouso. Deve ser bem tarde. Alvorço-me com o pensamento da criação irrealizada. O Dr. Seixas será capaz de escrever um conto? Penso outra vez em tipos conhecidos, portadores de individualidade forte bastante para continuarem vivendo com verossimilhança no papel. Tenho de lhe dar idéias, sentimentos, vida. É preciso escrever. Sinto que, se não o fizer, todos os olhos, amanhã, verão o meu fracasso interior, como através de uma vitrina iluminada. Tenho, espalhados neste mundo, meia dúzia de acrósticos que me atestam o talento excepcional. Fatuidade? Não. Sei derrancar Allan Kardec, a ciência de Flammarión, e Padre Inácio garante que o faço de modo digno de ser escutado pelas "mais cultas assembléias do país". Agora, preciso escrever uma historiazinha tola e é quando me bestifico. Já não penso no prêmio. Já não penso na fama de contista que o concurso me dará. Preciso escrever uma história para continuar acreditando em mim mesmo. Necessidade vital, portanto. Minha angústia, na imensa noite muda, lembra o absurdo de um feto vivo crescendo num ventre morto.

Como diabo é que se escreve um conto?